

Regina Célia Di Ciommo
Universidade Estadual de Passos - Minas Gerais

Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade

Resumo: *O trabalho utiliza a teoria da complexidade para a análise das questões de gênero, mostrando que a sociedade as constrói em uma interação de informações entre natureza e cultura. O enraizamento bioantropológico e as características socioculturais comportam graus diversos de experiências, conhecimentos e sabedoria, em uma complexa organização em que as oposições não devem significar extinção e as diferenças não podem traduzir enfraquecimento ou superioridade. Dessa forma, podemos aplicar o conceito do “anel tetralógico” de Edgar Morin, que comporta desordem, organização, ordem e interação para a compreensão dos impasses entre seres masculinos e femininos, humanos e não-humanos, em direção a uma mudança paradigmática em nossas relações sociais e ambientais.*

Palavras-chave: *gênero, complexidade, meio ambiente, educação, ecologia humana.*

Copyright © 2003 by Revista Estudos Feministas.

Introdução – o Ecofeminismo

Assistimos hoje a diversas tendências e debates no Brasil e no mundo que, de um lado, afirmam a diversidade feminina e propõem uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza, e, de outro, criticam a referência a essa conexão como um possível reforço à exclusão das mulheres da cultura, um perigo para as conquistas feministas, ao mesmo tempo que propõem a igualdade entre os gêneros.

No sentido de apontar algumas possibilidades para a superação das visões simplificadoras, como parece ser o caso desse impasse teórico, este trabalho analisa a contribuição específica do *ecofeminismo*, movimento social que surgiu no início dos anos 90 do século XX,¹ ao debate teórico já travado entre feministas e ecologistas,² cujo ponto de divergência fundamental é a associação da mulher à

¹ Irene DIAMOND e Glória ORENSTEIN, 1990.

² Christine CUOMO, 1994.

³ Regina C. DI CIOMMO, 1999.

⁴ Ariel SALLEH, 1984.

⁵ Susan GRIFFIN, 1989 e 1990; e Ynestra KING, 1989.

⁶ PLUMWOOD, 1993b, p. 47-48.

⁷ KING, 1989, p. 24.

⁸ MORIN, 1986.

natureza. O movimento é uma vertente com princípios, valores distintos e uma ética contextualista, conforme estudado por Di Ciommo.³ O ecofeminismo é o movimento surgido recentemente entre feministas que aderiram ao ecologismo, sendo considerado “mais profundo do que a ecologia profunda”,⁴ quando oferece uma teoria ambientalista crítica e uma ética dos seres humanos para com o meio ambiente e seus membros, conforme Griffin e King.⁵ Val Plumwood chama ao ecofeminismo de “terceira onda do feminismo”, movimento político que representa a disposição das mulheres de, ao superar a anterior inclusão desvalorizada na natureza, reagirem contra sua antiga exclusão da cultura e colocarem-se ao lado da natureza contra as formas destrutivas e dualísticas da cultura.⁶

O ecofeminismo sugere, portanto, uma terceira direção: o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto da cultura, podemos conscientemente escolher a aceitação da conexão mulher-natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida tem conseqüências profundas para a ecologia e as mulheres.⁷

Para a reflexão sobre a possibilidade de superação das contradições colocadas pela conexão biológica entre mulheres e natureza e as propostas feministas pela ‘igualdade’ entre gêneros, encontramos fundamentação teórica nos conceitos do pensamento da complexidade, que nos ensina a caminhar através da dialógica entre antagonismos e complementaridades, coexistentes em todas as interações, quer estejam na natureza, quer na sociedade humana. Segundo Edgar Morin, o pensamento complexo é um método ou uma forma de pensar que pode trazer um novo significado às noções, idéias e conceitos sociológicos que acabaram por ser esvaziados de seu conteúdo pela modernidade.⁸

Em seus escritos, Morin não se deteve especificamente sobre a superação do dualismo entre gêneros ou discutiu as relações entre gêneros e cultura ou seres femininos e natureza. Esta é uma tentativa original, que não tem a pretensão de estabelecer um marco teórico, mas aplicar a fecundidade do pensamento de Morin aos desafios colocados pelas questões da diversidade, diferença e igualdade nos gêneros e entre os gêneros, contribuindo para avançar o debate entre feminismo e ecofeminismo.

A contribuição da teoria da complexidade

Conforme explica Morin, no sistema, incluindo a sociedade humana, a totalidade não pode ser descrita pela simplificação reducionista e a aceitação de sua

complexidade pode mostrar que a verdadeira totalidade é ainda incompleta. Indivíduo, sociedade e espécie são termos que finalizam um no outro, remetem-se um para o outro, em um circuito que é um verdadeiro sistema, isto é, onde as partes integram o todo de maneira a manter sua interdependência. Mas podemos também ver o indivíduo como o sistema central e a sociedade como seu ecossistema, o *locus* sem o qual ele não pode existir, pois a consciência e o pensamento ocorrem no nível do indivíduo. A idéia é afastar-se do reducionismo, mostrando que a totalidade parece mais rica e bela quando deixa de ser totalitária, quando passa pela individualidade e se mantém aberta, incapaz de fechar-se sobre si mesma ou, como diz Morin, “se torna complexa”.⁹

⁹ MORIN, 1987, p. 64.

A realidade social, como toda relação organizacional ou sistema, necessita aceitar, conter e também produzir o antagonismo e, ao mesmo tempo, a complementaridade. Em todos os ecossistemas existem alguns princípios que caracterizam sua existência, como a interdependência, o fluxo de energia, a associação, a diversidade e a co-evolução.¹⁰ A tendência da sociedade humana de impor especializações às individualidades acaba por reduzir e inibir a diversidade criada pelo seu próprio desenvolvimento. Mas a organização da diferença, no plano dos princípios sistêmicos mais gerais, cria antagonismos com potencialidade de oposição, pois as relações complementares, concorrentes e antagônicas são constitutivas dos ecossistemas. Na problemática das sociedades humanas, complementaridades e antagonismos são instáveis e tende-se a ver o sistema social como devendo ser constituído apenas de harmonia, funcionalidade e síntese superior. No entanto, a natureza nos mostra que ele deve comportar, também e necessariamente, a dissonância, a oposição e o antagonismo, sem que isso se constitua em um ‘problema’ a ser eliminado.

¹⁰ Fritjof CAPRA, 1993.

A relação mulher-natureza

O ‘dualismo’ parece estar no centro das dificuldades que envolvem as tentativas de reverter os valores atribuídos ao feminino e à natureza. Dualismo é o processo pelo qual conceitos antagônicos foram construídos como opostos e excludentes e foram apropriados pelo julgamento moral da *lógica da dominação*. É a forma de construir a diferença em termos de uma lógica hierárquica, em que o lado de valor mais alto (por exemplo, seres humanos masculinos ou simplesmente seres humanos) é construído com uma natureza diferente. São seres de ordem diferente dos que estão do outro lado (seres humanos femininos e natureza,

¹¹ Karen WARREN, 1987, p. 64.

¹² WARREN e Jim CHENEY, 1991, p. 112.

¹³ PLUMWOOD, 1993a, p. 38.

¹⁴ ROSALDO, 1979.

¹⁵ ORTNER, 1979.

¹⁶ ROSALDO e Louise LAMPHERE, 1979, p. 25.

ou seres não humanos), que são tratados como carentes de qualidades que possam elevá-los.¹¹ O efeito do dualismo é a naturalização da dominação, para torná-la parte das naturezas ou identidades, tanto dos dominadores quanto dos subordinados, quando isso passa a parecer inevitável e 'natural', distorcendo ambos os lados, o senhor e o escravo, o egoísta e o auto-abnegado altruísta. Não podemos resolver o problema através de uma simples estratégia de reversão, afirmando o caráter autoritário da cultura.¹²

Há muitas razões pelas quais a ligação mulher-natureza pode constituir-se em questão central para o feminismo. Um dos motivos está na compreensão de que essa é uma conexão essencial para a permanência da dinâmica do tratamento que as mulheres e a natureza recebem na sociedade contemporânea. Se por um lado essa questão pode levar a uma importante revelação sobre o modelo de humanidade na qual as mulheres se inserem, por outro tem sido uma preocupação do ecofeminismo, que pode iluminar os temas que estão no centro do feminismo como um todo, acerca da "masculinidade da cultura",¹³ da natureza da dominação do masculino sobre o feminino e possíveis rotas para se escapar dessa dominação.

A ligação entre mulher e natureza e as razões pelas quais ambas são consideradas como de nível inferior não significa assunto do passado, mas parece continuar a dirigir a degradação do meio ambiente natural, a caracterizar a atividade feminina e a marcar, de maneira geral, a esfera da reprodução. Essa ligação contém inúmeras questões importantes sobre as causas da subordinação das mulheres e a existência de uma natureza feminina. Michelle Rosaldo¹⁴ e Sherry Ortner¹⁵ dedicaram artigos a essa temática, em que a perspectiva teórica considera a mulher como agente social e, apesar de as autoras terem diferentes colocações políticas e intelectuais, afirmam que, enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente materno e doméstico, esta será a origem de sua subordinação universal.¹⁶ A universalidade da subordinação feminina, conforme estudado pelas feministas desde a década de 1970, constitui um verdadeiro desafio para as reflexões das ciências sociais.

Uma abordagem crítica das concepções dualísticas deverá insistir para que as mulheres sejam tratadas exatamente como completos seres humanos e como partes completas da cultura como os homens, mas necessita também mostrar que ambos devem mudar suas concepções dualizadas da identidade humana e desenvolver uma cultura alternativa, a qual reconheça a ligação histórica da identidade humana com a cultura,

passando a aceitar sua identidade também com a natureza. A concepção dualística da natureza como inerte, passiva e mecanicizada seria também mudada por esse desenvolvimento.

Exceto para poucas privilegiadas, a esperança de igualdade para as mulheres foi muito ilusória. O modelo masculino para o ser humano e o cidadão, e suas correspondentes instituições, perpetua diversas formas de exclusão e desvalorização das mulheres, dos modelos de vida feminina e características femininas, com exceções que se destacam porque confirmam a regra. A participação das mulheres na cultura através do trabalho não modificou a estrutura da dominação, que reaparece em diversas dimensões, setores e atividades ou relacionada a diferentes grupos, como povos "primitivos", trabalhadores manuais, todos considerados "mais próximos dos animais".¹⁷

¹⁷ PLUMWOOD, 1993b, p. 39.

Segundo autoras como Val Plumwood e Alisa Del Re, a superação do feminismo da igualdade, bem como das correntes que pretenderam uma inversão da dominação, é necessária porque estas não criticaram a construção dualística de mulher/natureza e cultura/natureza.¹⁸ O feminismo contemporâneo pode rever não só as características do caráter 'masculino' da cultura, mas também as 'humanas'.

¹⁸ PLUMWOOD, 1993a; e Alisa DEL RE, 1993.

As noções dicotômicas como natureza/cultura, humano/não-humano e masculino/feminino não podem ser encerradas ou explicadas segundo teorias simplificadoras, que nos levam apenas a um impasse: igualdade sobrepondo-se aos sujeitos, diversidade entre seres humanos significando vitimização ou, ao contrário, situação privilegiada, exploração dos recursos naturais em nome da ciência, valorização da cultura em detrimento do mundo não-humano.

A contribuição da teoria da complexidade, integrante das atuais mudanças paradigmáticas, parece oferecer uma reflexão importante para a superação dessas dicotomias e para a transformação das relações entre homens e mulheres. Esse contexto de variáveis, conceitos polêmicos e impasses constitui um círculo vicioso, que pode ser transformado em um "círculo virtuoso", expressão utilizada por Morin.¹⁹ Segundo o autor, hoje a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. Tudo que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico, importando o fenômeno multidimensional e não a disciplina que seleciona uma dimensão desse fenômeno. Devemos evitar que esses

¹⁹ MORIN, 1987, p. 64.

²⁰ MORIN, 1993, p. 86.

aspectos sejam separados, para que formem uma visão “poliocular”,²⁰ ocultando o menos possível a complexidade do real.

²¹ MORIN, 1987, p. 130.

É necessário considerar o enraizamento antropossocial do conhecimento físico e o enraizamento físico da realidade antropossocial. A noção de ser humano não é uma noção simples: é uma noção complexa. “Homo é um complexo bioantropológico e biosociocultural”.²¹ O ser humano tem muitas dimensões e tudo o que desloca esse complexo é mutilante, não só para o conhecimento mas, igualmente, para a ação. A complexidade humana não é feita só de instâncias complementares, mas de instâncias que são, ao mesmo tempo, antagônicas. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica, o que se evidencia especialmente na análise da conexão entre a mulher, a natureza e a cultura, em que se destacam os aspectos de complementação e antagonismo necessariamente irreconciliáveis.

A análise da questão da diferença e diversidade através do método da complexidade leva, em primeiro lugar, a considerar que todo sistema, de idéias ou de seres, na teoria social, biológica ou física, é uno e múltiplo e também uno e diverso. A sua diversidade é necessária à sua unidade e a sua unidade é necessária à sua diversidade.

Na sociedade humana, que é bioantropossocial, pelas suas inúmeras simultaneidades e interrelações, o uno, ou o sujeito, tem uma identidade complexa, que é múltipla e una. Ao mesmo tempo que é sujeito, é parte de uma categoria ou grupo social e tem, portanto, uma dupla identidade, tem a sua identidade própria e participa da identidade do todo. Por mais diferentes que possam ser, os elementos ou indivíduos que constituem um sistema ou grupo social têm, pelo menos, uma identidade comum de pertencimento à unidade global e de obediência às suas regras organizacionais ou culturais, quer sejam mulheres, grupos étnicos ou de classe.

²² MORIN, 1987, p. 113.

Por outro lado, a organização de um sistema é a organização da diferença, que estabelece relações complementares entre as partes diferentes e diversas, bem como entre as partes e o todo.²² Isso quer dizer que não existe todo, conjunto ou grupo que subsista sem diferenças, o que tem implicações para se pensar a diferença entre as mulheres e não somente a diferença em relação aos homens, isto é, a diferença tem de ser aceita em sua importância para a complementaridade entre as partes no

²³ Rosiska D. OLIVEIRA, 1993.

todo que é o feminino e entre os gêneros masculino e feminino.²³

A teoria da complexidade mostra que a manutenção das diferenças supõe a existência de forças de exclusão, de repulsão, de dissociação, sem as quais tudo se confundiria e nenhum sistema seria concebível. É preciso que sejam superadas pelas forças de atração, afinidades, ligações, comunicações, etc., que as controlam e virtualizam. São exatamente as inter-relações mais estáveis que comportam as forças que são antagônicas, simultaneamente mantidas, neutralizadas e superadas, pois os equilíbrios organizacionais são equilíbrios de forças antagônicas.

Assim, as relações de gênero e relações internas entre grupos e movimentos sociais, como toda relação, e portanto todo sistema, comportam e produzem antagonismo e, ao mesmo tempo, complementaridade. Toda relação necessita e atualiza um princípio de complementaridade, sem a qual ela não existiria, e ao mesmo tempo necessita e virtualiza mais ou menos um princípio de antagonismo, sem o qual o equilíbrio não subsistiria.

As complementaridades existentes entre os gêneros não devem eliminar propriedades de diferenciação, mas permitir a organização entre partes que segregam antagonismos, diante das imposições ou conflitos, virtuais ou não, desenvolvidos no convívio pessoal e social, pois a dupla e complementar identidade que coexiste em cada parte é, por si mesma, virtualmente antagônica. A homogeneização e a indiferenciação empobrecem o sistema e, portanto, as relações entre homens e mulheres.

Conservar a circularidade

A implicação mútua entre dois termos antinômicos, como no caso em análise – masculino/cultura e feminino/natureza –, anela-se em uma relação circular, em que um para existir depende do outro e esbarra em algumas impossibilidades de elucidação. Esses casos, segundo Morin, levantam um problema que é a constituição de uma relação, precisamente onde há uma disjunção, o que nos obriga a isolar e conhecer um princípio para conhecer sua origem e natureza, com a possibilidade de um outro princípio ser capaz de ligar novamente o isolado e o separado. O caráter circular de uma relação adquire a figura de um círculo vicioso, isto é, de absurdo lógico, uma vez que o conhecimento de um termo depende do conhecimento do outro e assim por diante.

No caso que analisamos na figura 1, temos uma relação circular, em que as proposições são antinômicas: os gêneros construídos socialmente, masculino e feminino em relação de complementaridade e oposição.

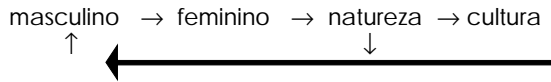


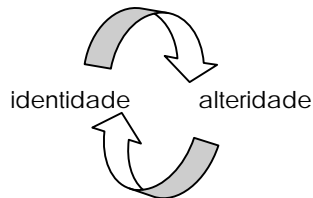
Figura 1 – As proposições antinômicas em relação de complementaridade e oposição

Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram seu conhecimento e sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, que se apóiam na realidade natural. Essa relação circular significa uma relação de dependência mútua, que remete cada uma dessas proposições em direção à outra e reciprocamente. Significa ainda que, ao mesmo tempo que masculino e cultura dependem do feminino e da natureza, a natureza e o feminino dependem do masculino e da cultura.

Sempre se romperam os círculos viciosos, quer isolando as proposições, quer escolhendo um dos termos como princípio simples, ao qual se devem reduzir os outros. Eliminar as antinomias, entretanto, é precisamente tornar a cair sob o império de disjunção e simplificação do qual se pretende escapar.

O método da complexidade já adquiriu algumas idéias-guia: a idéia de que todo conceito, toda teoria, todo conhecimento, toda ciência deve agora comportar dupla ou múltipla entrada (física, biológica, antropossociológica), duplo foco (objeto/sujeito) e constituir anel. O anel gera-se ao mesmo tempo que gera; é produtor-de-si ao mesmo tempo que produz. Não é um círculo vicioso, mas um ecossistema fenomênico que é animado pela atividade cognitiva do sujeito pensante.²⁴ É um anel aberto que se fecha e por isso pode desenvolver-se em espiral, ou seja, produzir saber...

²⁴ MORIN, 1987, p. 347.



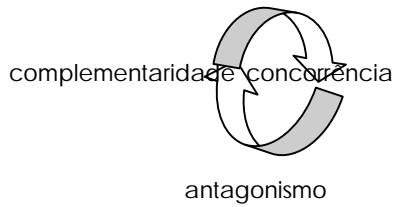


Figura 2 – Uma relação de dependência mútua: não há alteridade sem identidade, assim como não há complementaridade sem concorrência e antagonismo.

²⁵ MORIN, 1987, p. 352.

Todo conhecimento simplificador, e portanto mutilado, é mutilador e traduz-se em uma manipulação, repressão e devastação do real. *O pensamento simplificador tornou-se a barbárie da ciência.*²⁵

Portanto, conservar a circularidade é manter a associação de duas proposições reconhecidas como verdadeiras, uma e outra isoladamente, mas que, mal entram em contato, se negam uma à outra. Ao mesmo tempo, conservar a circularidade é abrir a possibilidade de conceber essas duas verdades como as duas faces de uma verdade complexa, revelando a realidade principal, que consiste na relação de *interdependência* entre noções que a disjunção isola ou opõe.

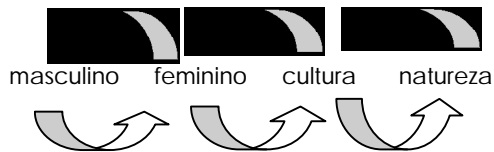


Figura 3 – Conservar a circularidade física e antropológica

Conservar a circularidade é, talvez, abrir a possibilidade de um conhecimento que reflita sobre si mesmo: com efeito, a circularidade física, antropológica, e a circularidade objeto-sujeito devem levar à reflexão sobre as características culturais e sociais da ciência e sobre si mesmo.

Segundo Morin, é possível entrever a possibilidade de transformar os círculos viciosos em ciclos virtuosos, que se tornem reflexivos e geradores de um pensamento complexo. Para isso, devemos ter o cuidado de não romper as nossas circularidades, não nos desprendermos delas.

A esfera antropológica deve ser concebida não só na sua especificidade irreduzível, não só na sua dimensão biológica, mas também na sua dimensão física

²⁶ MORIN, 1987, p. 340.

e cósmica, para que a natureza possa se recompor e voltar à vida. A natureza não é somente processo físico, mas aquilo que liga, articula e faz comunicar profundamente o antropológico, o biológico e o físico.²⁶ Para conceber o princípio de complexidade, não é suficiente associar noções antagônicas de modo concorrente e complementar, mas há que considerar o próprio caráter da associação. Não é somente uma relativização dos termos, uns em relação aos outros; é a sua integração dentro de uma visão cósmica e poliocular do mundo, que percebe cada um no processo de um anel retroativo e recorrente.

Ao destacar a articulação, a complementação e a associação, presentes na dimensão biológica, física e cósmica, a visão de mundo do ecofeminismo e da ecologia reconhece os princípios do individualismo, da diferença e da semelhança. O pensamento ecológico e o complexo reconhecem a individualidade, mas o uno também é múltiplo e diverso, pois sem a diversidade a unidade não existiria. Também reconhece a semelhança, não igualdade, pois a igualdade não comporta diversidade e sem diversidade não há estabilidade, pois tudo se confundiria, sem equilíbrio e organização. No entanto, a diversidade não significa hierarquia, como por muito tempo se pretendeu na sociedade humana. Na natureza não existe hierarquia; foram os seres humanos que classificaram a si mesmos e aos seres não-humanos em ordens superiores e inferiores de maneira dualística,²⁷ isto é, de forma reducionista, que possui implicações sociais e teóricas letais,²⁸ em uma projeção antropocêntrica sobre o cosmos que reforça a dificuldade em pensar o mundo ecofilosoficamente.²⁹

²⁷ PLUMWOOD, 1993a, p. 46.

²⁸ Chaia HELLER, 1993, p. 74.

²⁹ Warwick FOX, 1995, p. 15. A ecofilosofia tem seu principal formulador em Arne NAESS (1988), que, fascinado pelo amor ao mundo natural em seus escritos filosóficos, formulou um sistema normativo próprio para o pensamento ecológico, no qual se destaca a importância atribuída à *auto-realização*.

³⁰ MORIN, 1987, p. 54.

O número e a riqueza das interações aumentam quanto mais crescem a diversidade e a complexidade dos fenômenos, não somente entre sistemas organizados de átomos, astros e moléculas, mas sobretudo entre seres vivos e no sistema social. A interação liga a desordem, a ordem e a organização, em um anel solidário, no qual cada termo não pode ser concebido sem referência aos outros e no qual ocorrem relações complexas, isto é, complementares, concorrentes e antagônicas.³⁰ Esse jogo permite desenvolvimentos locais de ordem e organização que são inseparáveis do desenvolvimento da diversidade, necessária e inevitável. Através do “anel tetralógico”,³¹ formado por desordem, interações, ordem e organização, é possível ver que, quanto mais a ordem e a organização se desenvolvem, mais se tornam complexas, mais toleram, utilizam e até necessitam da desordem, desenvolvendo-se mutuamente. Isso quer dizer que a complexidade traz em si a exigência de tolerância e convívio com o diverso, com o

³¹ Segundo Morin, o “anel tetralógico” não é uma palavra-chave, mas uma mediação necessária. Gera-se ao mesmo tempo que gera, é produtor-de-si ao mesmo tempo que produz. É uma “idéia-guia” do método da complexidade. A forma do anel ou roda é retirada da natureza,

da idéia dos ciclos ecológicos, do movimento dos planetas, dos redemoinhos, dos turbilhões solares e galáticos, “traz consigo o caos e a gênese... rodopia na agitação de fluxos contrários” (MORIN, 1987, p. 211).

³² MORIN, 1996, p. 193.

conflito, com o diferente, para a estabilidade e sobrevivência da organização, do todo social ou dos seres humanos, enquanto espécie organizada.

Na análise de Morin é importante o aparecimento das três noções indispensáveis ao estabelecimento da relação ordem–desordem: a *interação*, que desencadeia efeitos necessários, por força do acaso ou da necessidade; a *transformação*, de elementos dispersos em um todo organizado, ou em uma associação; e a idéia de *organização*. A organização é auto-organização e precisa de “ruído” para manter a ordem viva. É o princípio de *order from noise*, ou seja, é por meio de “ruídos” ou erros que se opera a reorganização de uma mensagem em outra, mais rica e mais complexa.³²

Se na contemporaneidade se distinguem e evidenciam as relações de desordem e caos, nas relações entre seres humanos e entre estes e o meio ambiente, estas carregam em si mesmas o movimento do “anel tetralógico” em direção a interações novas, derivadas dos conflitos e novos questionamentos, movimento esse que carrega também em si mesmo a ordem e uma nova organização derivada de todas as interações.

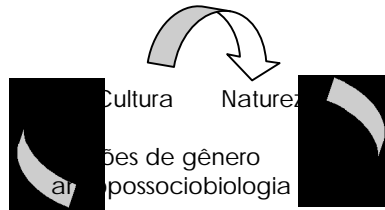


Figura 4 – Relações de gênero calcadas na antropossociobiologia trocam informações com a natureza e a cultura

Na interação social, as relações de gênero, calcadas na antropossociobiologia, trocam informações com a natureza e a cultura, de onde os seres humanos retiram sua sobrevivência, produzem e reproduzem-se. Seus efeitos desencadeiam continuamente transformações, por força da criação de novas necessidades e alternativas tecnológicas, que por sua vez introduzem mudanças na interação com o meio ambiente pela “práxis” humana. A organização social absorve essas transformações, encaminhando uma nova ordem, que se reflete na natureza, na cultura e nas relações sociais de gênero, inseridas nas duas dimensões. A princípio a situação parece caracterizar-se pelo caos e pela desordem, mas o movimento complexo gira o anel, e o jogo de interações continua na direção de novas transformações.

Podemos encontrar, principalmente entre as ecofeministas, aquelas que apontam as conexões entre as estruturas de pensamento e as ações históricas, agindo de maneira a alcançar a eco-comunidade. A revolução radical prática e epistemológica começaria por mover-se da dual-lógica para a eco-lógica.³³ Isso significa tentar superar o dualismo, compreendendo que nada é separado do 'mundo natural'. As mulheres conscientes, que buscam afastar as implicações das estruturas de pensamento dualísticas, podem escolher criar uma cultura que seja afirmativa da vida, que conviva com uma visão da natureza não-reducionista.

³³ HELLER, 1993.

Entre dois princípios dualísticos, natureza e cultura, estabelece-se uma ligação fundamental e podemos ver que os fenômenos que aparecem como sendo 'opostos' aos olhos do dualismo são, na verdade, complementares e, sob alguns aspectos, novos e mais complexos.

Termos opostos, mas que se alimentam um ao outro e um do outro, sem a possibilidade de exclusão, a natureza pode prescindir da cultura, mas não há sociedade e cultura sem natureza. Valores que hoje estão sendo sufocados pela visão de mundo utilitarista e neoliberal podem ser resgatados através de instâncias mediadoras como a introdução da Educação Ambiental³⁴ e popular no conteúdo de todas as ciências, sejam humanas, sejam naturais, fornecendo estímulo à reflexão sobre questões ambientais, inter-relacionando o tema com o contexto ambiental local e o enfoque de gênero. Experiências educacionais bem-sucedidas são tentativas de dotar a educação de um poder transformador, que é político, porque reforça o conceito de cidadania e se configura como a possibilidade de unir termos opostos, constituindo-se no elo que faz girar o anel, na direção da complexa organização em que as oposições não signifiquem extinção e a diferença não seja sinônimo de enfraquecimento ou superioridade.

³⁴ DI CIOMMO, 1999, p. 207-217.

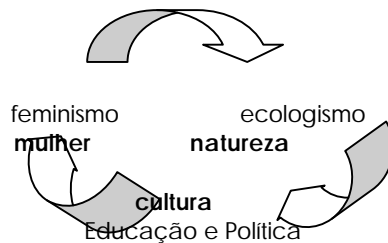


Figura 5 – Girar o anel. As oposições não significam extinção e a diferença não é sinônimo de enfraquecimento ou superioridade. Educação e Política são as dimensões para a realização da complexidade na organização humana.

Através do pensamento complexo é possível conceber que uma ordem superior mais complexa somente pode ser constituída pelo encontro de novidades e mutações com um princípio auto-organizador.

Tivemos os “ruídos” ou interferências nas comunicações culturais, introduzidos pelo feminismo nas relações sociais de gênero, alterando e obrigando a novas composições e regulações. As relações dos seres humanos com a natureza produziram grandes desordens no sistema vivo planetário, produzindo desequilíbrios, desvios, desperdícios e aniquilamentos, não apenas de riquezas, mas de vida, de saber, de talentos, de sabedoria. Com força crescente, provocam a regulação e a organização, fomentadas pela ciência, que obrigam à reformulação da atividade humana. A organização não é sinônimo de ordem e a natureza reage também com desordem, em direção à auto-organização. Portanto, quais são as possibilidades e limites da complexidade? Para Morin, essa é a questão que se levanta para o ser humano, hoje, neste planeta.³⁵

³⁵ MORIN, 1996, p. 301.

Sociedade humana e diversidade feminina

Até que ponto o ecossistema mundial tem a capacidade de absorver desordens em nível crescente, introduzidos pela ação humana, sem que a adaptação para o equilíbrio acabe com a própria sociedade humana?

Ou em que medida seres humanos podem ainda transformar suas ações, buscando soluções novas que redirecionem suas atividades? As mudanças que atingiram a primeira forma de divisão do trabalho, a sexual e a organização dos movimentos ecologistas e feministas, parecem fazer parte de um *ponto de mutação*³⁶ necessário, que inaugura questionamentos imprevistos e obriga à revisão dos antigos conceitos, na direção de um *novo paradigma*,³⁷ mais complexo, que pode não ser a “tábua de salvação” para todos os problemas, mas que pode trazer efeitos ao nível epistemológico e prático. Com a crítica feminista da ciência, o movimento contribui para a construção de novas representações, que originam um outro imaginário coletivo sobre o meio ambiente.³⁸

³⁶ CAPRA, 1985.

³⁷ Paradigma “é um princípio de distinções/ligações/oposições fundamentais entre algumas noções mestras que comandam e controlam o pensamento, isto é, a constituição das teorias e a produção dos discursos” (MORIN, 1986, p. 76).

³⁸ Angela ARRUDA, 1995.

A análise da diversidade mostrou que a identidade feminina se expressa de forma peculiar “em relacionamento” com o outro, o ser masculino, o que não apaga as diferenças no interior do gênero. Brinda Rao destaca que a construção essencialista que santifica a mulher acaba por constituir um mito.³⁹ É preciso sublinhar que nem todas as mulheres são sensíveis, cooperativas e solidárias com a natureza, o que é demonstrado em nosso cotidiano, apesar das conexões estabelecidas entre a subordinação histórica de ambas.

³⁹ RAO, 1991, p. 19.

A consciência, sem dúvida, é construída a partir da experiência, das histórias e oportunidades pessoais, levando à percepção de si mesmo, a caminho da liberdade e autonomia, sem perder de vista o contexto ambiental do sujeito pensante e a percepção ambiental com o espaço de vida com o qual se trocam energia e cuidado. A maternidade, que o feminismo tendeu a relagar ao desinteresse, é valorizada pelo ecofeminismo, que critica não somente a visão antropocêntrica do mundo, mas também a visão androcêntrica, ou masculinista.⁴⁰

⁴⁰ Mary MELLOR, 1992b, p. 248.

Em consequência, as diferenças se manifestam de forma tão intensa entre os gêneros quanto “no gênero”. Algumas explicações são encontradas em estudos ecofeministas que apontam a maneira como o dualismo e os valores da cultura agiram também sobre as mulheres, afastando-as de forma destrutiva e perigosa de seu próprio *self*.⁴¹ Conforme a oportunidade, de acordo com os valores culturais e a educação formal e informal, a sociedade pode estimular a solidariedade com o mundo, humano e não-humano, mas o processo é individual.

⁴¹ Clarissa ESTES, 1995.

A maternidade, através do cuidar e nutrir, talvez abra uma janela maior para ampliar a visão do meio ambiente como sujeito que nos mantém e sustenta, mas na prática as atitudes não mudam necessariamente, sem que haja informação e educação. É possível ser benzedeira, usar ervas curativas e praticar a violência com os filhos, ignorando suas consequências sobre uma criança. A sensibilidade, dependendo do contexto histórico e social, pode ser marcante na trajetória das mulheres e em alguns casos não estar presente na experiência feminina.⁴² Como lembra Françoise Collin, o papel da mãe sempre boa e disponível precisa ser desmistificado, porque a diferença está presente entre as mulheres e ser mulher não define a totalidade do sujeito.⁴³

⁴² DI CIOMMO, 1990.

⁴³ COLLIN, 1993.

Talvez possamos falar nas semelhanças entre as mulheres, naquilo que Morin chama de características biossocioculturais, que aproximam na generalidade, mas que enraizadas no plano biológico comportam a diversidade psicológica, emocional e espiritual, com graus diversos de experiências, conhecimento e sabedoria.

Cada mulher, na sua identidade individual, expressa a capacidade única de cada ser humano e conserva um elo incontestável que a liga a uma experiência feminina, o elo de um anel recorrente, unindo a dimensão biológica construída historicamente na sociedade humana, reforçada e inserida novamente pela inscrição genética, que encontra na “práxis” as condições para sua reiteração, o que é característica da complexidade da constituição da espécie humana.⁴⁴ A dimensão *biossociocultural* da mulher desarma

⁴⁴ MORIN, 1975.

as possibilidades simplificadoras de análise que, se de um lado desejam identificar uma ‘essência’ feminina desligada da experiência, de outro, vêem a socialização cultural e histórica como construtoras do feminino, desligado de sua dimensão biológica e genética incontestável. Mesmo que contenham um ingrediente mecanicista, os estudos sobre a flexibilidade do cérebro feminino e a química hormonal atuais são importantes e, quando compreendidos sob uma nova ótica, introduzem novos ingredientes na mistura já complexa, sugerindo que o ser feminino é uma outra expressão do ser humano.⁴⁵

⁴⁵ Germaine GREER, 1994; e Walter SCHWARZ e Dorothy SCHWARZ, 1990, p. 136.

Embora tenhamos constatado associações por comumhão de interesses, parece não existir unidade ou *sororidade* entre mulheres,⁴⁶ isto é, a similaridade entre irmãs, já que as forças da complementaridade e antagonismo jogam potencialmente para afastar a experiência de cada uma, tanto quanto para aproximá-las. É no *outro*, na dimensão social do masculino e na cultura, que as mulheres vão buscar o reflexo para sua identidade, sem a qual não se constituiriam como sujeitos diferenciados. A identidade feminina não se constrói apenas na similaridade, mas também no antagonismo e na diferenciação.

⁴⁶ COLLIN, 1993.

O desafio para a consciência de nosso tempo parece ser exatamente encontrar a maneira de entender, aceitar e viver o antagonismo e a diferença sem conflito, sem hierarquização e sem subordinação, expressões de uma sociedade dominada pelos valores patriarcais.

O ecofeminismo parece recolocar com originalidade antigas tensões entre igualdade e diferença. Não apenas aceita a diferença, mas afirma a especificidade e a valorização da mulher de forma inter-relacionada com a ecologia. Val Plumwood mostra que o novo paradigma oferecido pelo ecofeminismo não apenas examina a relação entre mulheres e natureza, mas elucida os mecanismos subjacentes que tecem uma teia de opressões que cruzam o gênero, classe, raça e o mundo natural.⁴⁷ A perspectiva ecofeminista sobre mulheres e natureza envolve uma mudança no padrão de atitudes da “percepção arrogante” para a “percepção amorosa” do mundo não-humano. A “percepção amorosa” pressupõe e mantém a *diferença*, expressando um amor que não representa fusão ou eliminação dos diferentes, ao contrário da ética de “unidade na igualdade”, que valoriza a semelhança.⁴⁸ A transformação exigida por uma nova visão de mundo leva a relações igualitárias, mas com o reconhecimento das diferenças. A busca da igualdade, quando se atém a condições econômicas, muitas vezes não questiona o modelo vigente das relações entre humanidade e natureza,

⁴⁷ PLUMWOOD, 1993a, p. 48-49.

⁴⁸ WARREN, 1990, p. 139.

permanecendo seu caráter destrutivo enquanto perdurar o modelo.

As tarefas que historicamente foram atribuídas à mulher, desvalorizadas, são hoje cumpridas por muitos homens, em uma nova divisão do trabalho, forma encontrada para o ajuste às exigências de um mercado que expulsa o trabalho humano de forma crescente, reduzindo postos e exigindo qualificação constante. O aumento do tempo livre⁴⁹ faz com que o trabalho ligado à reprodução seja melhor redistribuído entre os sexos. Atualmente os eletrodomésticos, os alimentos pré-cozidos, as casas menores, os móveis mais funcionais, o controle da natalidade reduziram e melhoraram o trabalho doméstico, que para muitos homens e algumas mulheres executivas é considerado degradante.

Atualmente, o teletrabalho oferece a possibilidade de trabalhar em casa, o que pode significar para algumas mulheres certa restrição, quando estas se sentem mais livres quando estão fora de casa, mas para muitas outras elimina o *overtime*,⁵⁰ sem que tenham que dar à empresa horas de seu tempo e possam dá-las aos filhos. Por outro lado, os homens perdem o álibi que hoje usam para ficarem fora de casa o dia todo e desinteressarem-se da vida fora do trabalho, delegando às mulheres todas as responsabilidades familiares.⁵¹ As lutas pela emancipação econômica da mulher parecem referir-se a um momento em que a realização e as soluções nesse campo ocorriam através da vinculação ao emprego, quando a participação na produção se verificava pela estabilidade funcional no trabalho formal. Atualmente, diante das novas condições colocadas pela globalização, com altas taxas de desemprego, os privilégios masculinos diminuíram diante de novas dificuldades e situações.

Nova socialização, novo modelo, nova cultura

O ecofeminismo trabalha com o conceito de gênero, e afirma que a mulher não é apenas diferente do homem, mas é distinta, dada a sua experiência concreta de vivência da condição feminina, que define a experiência, porque o enraizamento biológico origina e confirma a experiência social do gênero feminino, o que é reconfirmado na socialização e repassado pela predisposição genética. Nesse anel de interações próprias da complexidade, não há limites estanques para o que é próprio da natureza ou da cultura.

A socialização das mulheres reforça a sensibilidade, a solidariedade e a “gratuidade”, conceito fundamental

⁴⁹ Domenico DE MASI, 2000.

⁵⁰ *Overtime* – tempo de trabalho que excede as horas contratuais mas não é pago.

⁵¹ DE MASI, 2000, p. 203.

⁵² OLIVEIRA, 1993, p. 102.

da cultura feminina,⁵² o que daria a elas a responsabilidade de promover um impacto sociocultural revolucionário, criativo, em todas as áreas da existência, nas relações pessoais, nas amorosas, nas profissionais, de trabalho e nas decisões políticas, em que se decidem a paz e a sobrevivência das espécies.⁵³

⁵³ OLIVEIRA, 1993, p. 145.

O modelo da mulher genérica e generosa, que constrói através de seu corpo uma experiência e um lugar históricos, metáfora de todas as mulheres, foi criticada por aquelas que não vêem nas mulheres uma essência positiva, a isenção ou imunização contra os males que fazem parte do mundo masculino.⁵⁴ No entanto, não concordamos que o reconhecimento da especificidade feminina, que leva à valorização dos mitos e símbolos de poder, de grande valor para a mobilização das pessoas, signifique que a *experiência* feminina é única e sempre preenchida de valores positivos, mas concordamos que a vida doméstica nem sempre é "zona livre do afeto e da solidariedade".⁵⁵ Também, segundo Mellor, o fato de ser ambientalista não significa a eliminação do androcentrismo dos valores e práticas sociais ou um senso de justiça social mais apurado.⁵⁶ Constatamos que a busca pela igualdade de direitos acabou por levar à valorização da diferença, em um movimento aparentemente contraditório, mas que está em consonância com a realidade social, que destaca a importância da diversidade para o enriquecimento cultural.

⁵⁴ ARRUDA, 1995, p. 264.

⁵⁵ Bila SORJ, 1992, p. 146.

⁵⁶ MELLOR, 1992a, 1992b e 1993, p. 97.

As diversas expressões individuais femininas não anulam, entretanto, as elaborações como a do princípio feminino,⁵⁷ da relação de opressão que irmana mulher e natureza,⁵⁸ da ciência enquanto suporte da dominação sobre ambas,⁵⁹ a polêmica sobre natureza e cultura,⁶⁰ que tratam da eleição da diferença como positiva, apontando características femininas de sensibilidade e cuidado, que antes faziam parte das justificativas de discriminação. Dentro dessa perspectiva, caberia às mulheres, diante da crise civilizatória, pensar o mundo sob a ótica do cuidado,⁶¹ com olhos de amor e decisão.

⁵⁷ Vandana SHIVA, 1992.

⁵⁸ Maria MIES, 1992 e 1993.

⁵⁹ Carolyn MERCHANT, 1991.

⁶⁰ ORTNER, 1979; Rossella DI LEO, 1988; KING, 1989; Judith PLANT, 1989; GRIFFIN, 1989; e MERCHANT, 1991.

⁶¹ Leonardo BOFF, 1999.

Em outro tipo de cultura, em uma nova utopia ecológica, a diferença antes desvalorizada, que não servia aos propósitos do modelo vigente, pode ser necessária, considerada insubstituível e valorizada. No modelo alternativo de desenvolvimento sustentável, que está sendo proposto, homens e mulheres deverão buscar valores essenciais que dêem sentido à civilização. Relações igualitárias, com reciprocidade, não se conseguem por decreto, mas se conquistam, depois de esforço individual nesse sentido. Se a solidariedade, a gratuidade e a sensibilidade forem vistas como ameaças à participação da mulher no mundo público, rejeitadas como formas de

aproximação à natureza, como teremos relações igualitárias, com reciprocidade, na vida privada?

Um feminismo que lute pela igualdade econômica, sem esses valores, estaria sendo destrutivo para as próprias mulheres, que a longo prazo passam a sofrer os efeitos dessa estratégia em suas vidas pessoais, além de reafirmar a visão de mundo androcêntrica e antropocêntrica.

Segundo De Masi, a vida das mulheres que trabalham fora é mais polifônica, porque não perdem o contato com a família, com os amigos, conjugando experiências diversas em diferentes níveis, sem sacrificar as relações afetivas em prol da carreira, o que as tornam mais flexíveis, pós-modernas, bem mais do que os homens.⁶² Um novo modelo, uma nova cultura, trabalhando com a utopia, propõe a necessidade de características antes 'femininas' para todos, e talvez essa transformação ocorra inserindo-se nos conteúdos educativos uma maneira sensível de olhar o meio ambiente. A educação pode ser poderoso instrumento de mudança social e crescimento, na medida em que estimular seres humanos a colocarem-se ao lado da natureza, contra as formas destrutivas e dualísticas da cultura.⁶³

⁶² DE MASI, p. 204.

⁶³ Marcos SORRENTINO, Rachel TRAJBER e Tania BRAGA, 1995.

O fato de estar secularmente longe da cultura, identificada com a natureza em seu papel subordinado, não atribuiu ou atribui à mulher nenhum papel salvador especial, pois, se a identificação existiu, a proximidade nem sempre foi desejada, admitida ou consciente. No entanto, o que foi desvalorizado e recalçado pela visão antropocêntrica e mecanicista é a essência da sensibilidade, que sempre esteve presente também nos homens, e o seu resgate possibilita o nascimento de um ser humano, masculino ou feminino, consciente de ser parte da natureza. Segundo Brandão,⁶⁴ a sensibilidade traz esperanças de novas relações com afetos de responsabilidade para com o presente e o futuro, não só das gerações humanas, mas de outras gerações de seres vivos. E, como afirma Morin, a *aceitação da confusão pode tornar-se um modo de resistir à simplificação mutiladora*.⁶⁵

⁶⁴ Carlos R. BRANDÃO, 1995.

⁶⁵ MORIN, 1987, p. 20.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Angela. *Uma contribuição às novas sensibilidades com relação ao meio ambiente: representações sociais de grupos ecologistas e ecofeministas cariocas*. 1995. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Outros afetos, outros olhares, outras idéias, outras relações". *A Questão Ambiental*:

- Cenários de Pesquisa. Textos NEPAM*, Campinas: Ed. da UNICAMP, n. 3, p.13-34, 1995.
- CAPRA, Fritjot. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____. *Alfabetização ecológica*. São Paulo: Rede Mulher, 1993. Mimeo.
- COLLIN, Françoise. "Praxis de la différence: notes sur le tragique du sujet". *Les Cahiers du Grif*, n. 46, p. 158-162, 1992.
- CUOMO, Christine J. "Ecofeminism, Deep Ecology, and Human Population." In: WARREN, Karen (ed.). *Ecological Feminism*. London: Routledge, 1994. p. 88-105.
- DEL RE, Alisa. *Práticas, políticas e binômios teóricos do feminismo contemporâneo*. Recife, ago. 1993. Trabalho editado pela SOS-Corpo.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DIAMOND, Irene, and ORENSTEIN, Gloria Feman. *Reweaving the World: the Emergence of Ecofeminism*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990.
- DI CIOMMO, Regina C. *Maternidade e atividade profissional*. 1990. (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara.
- _____. *Ecofeminismo e complexidade*. 1998. (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências e Letras (ICL), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara.
- _____. *Ecofeminismo e educação ambiental*. Uberaba: Editora da Universidade de Uberaba; São Paulo: Conesul, 1999.
- DI LEO, Rossella. "Il luogo della differenza". *Volontá*, Milão, 1-2, p. 7-32, 1988.
- ESTES, Clarissa. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.
- FOX, Warwick. *Toward a Transpersonal Ecology: Developing New Foundations for Environmentalism*. Dartington, UK: Green Books, 1995.
- GREER, Germaine. *Mulher, maturidade e mudança*. São Paulo: Ed. Augustus, 1994.
- GRIFFIN, Susan. "Split Culture." In: PLANT, Judith (ed.). *Healing the Wounds. The Promise of Ecofeminism*. Philadelphia/Santa Cruz: New Society Publishers, 1989. p. 18-28.
- _____. "Curves Along the Road." *Reweaving the World: the Emergence of Ecofeminism*. DIAMOND, Irene, and ORENSTEIN, Gloria Feman. San Francisco: Sierra Club Books, 1990. p. 87-99.
- HELLER, Chaia. "Toward a Radical Ecofeminism: from Dual-logic to Eco-Logic." *Society and Nature*, Littleton: Aigis Publications, v. 2, n. 1, 1993, p. 72-96.

- KING, Ynestra. "The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology." In: PLANT, Judith (ed.). *Healing the Wounds: The Promise of Ecofeminism*. Londres: Green Print, 1989. p. 18-28.
- MELLOR, Mary. *Breaking the Boundaries: towards a Feminist Green Socialism*. Londres: Virago, 1992a.
- _____. "Green Politics: Ecofeminist, Ecofeminine or Ecomasculine?" *Environmental Politics*, Londres: Frank Cass, v. 1, n. 2, 1992b, p. 229-251.
- _____. "Eco-Feminism and Eco-Socialism: Dilemmas of Essentialism and Materialism." *Society and Nature*, Littleton: Aigis Publications, v. 2, n. 1, 1993. p. 97-115.
- MERCHANT, Carolyn. *The Death of Nature*. 2. ed. New York: Harper & Row, 1991.
- MIES, Maria. "O global está no local: uma perspectiva ecofeminista". In: CORRAL, Thais; OLIVEIRA, Rosiska Darcy (Orgs.). *Terra femina*. Rio de Janeiro: Rede, 1992. p. 15-25.
- _____. *Os modelos de consumo do Norte: causa da destruição ambiental e da pobreza no Sul*. Rede Mulher, 1993. Mimeografado.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. "Edgar Morin, contrabandista dos saberes". In: PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993. Entrevista.
- _____. *O método*. 2. ed. Lisboa: Publ. Europa-América, 1987. v. 1: A natureza da natureza.
- _____. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1975.
- NAESS, Arne. "Deep Ecology and Ultimate Premises." *The Ecologist*, v. 18, n. 4/5, 1988, p. 128-131.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- ORTNER, Sherry B. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?" In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (Coords.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.
- PLANT, Judith. *Healing the Wounds: The Promise of Ecofeminism*. Philadelphia/Santa Cruz: New Society Publishers, 1989.
- PLUMWOOD, Val. *Feminism and the Mastery of Nature: Feminism for Today*. Londres: Routledge, 1993a.
- _____. "Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men and Nature. Feminism and Ecology." *Society and Nature*, Littleton: Aigis, v. 2, n. 1, 1993b, p. 36-51.

- RAO, Brinda. "Dominant Constructions of Women and Nature in Social Science Literature." *Pamphlet*, n. 2, New York, 1991. p. 35-51.
- ROSALDO, Michelle. "A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica". In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (Coords.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 33-64.
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. "Introdução". In: _____. (Coords.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 17-32.
- SALLEH, Ariel K. "Deeper than Deep Ecology: The Ecofeminist Connection." *Environmental Ethics*, 6, 1984. p. 339-345.
- SCHWARZ, Walter; SCHWARZ, Dorothy. *Ecologia: alternativa para o futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SHIVA, Vandana. *Staying Alive: Women, Ecology and Development*. Londres: Zed Books, 1992.
- SORJ, Bila. "O feminino como metáfora da natureza". *Estudos Feministas*, CIEC, Escola de Comunicação – UFRJ, v. 0, n. 0, p.143-150, 1992.
- SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; BRAGA, Tania (Orgs.). *Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia/Ecoar, 1995.
- WARREN, Karen J. "Feminism and Ecology." *Environmental Ethics*, v. 9, n. 1, p. 3-20, 1987.
- _____. "The Power and the Promise of Ecological Feminism." *Environmental Ethics*, v. 12, n. 2, 1990. p. 121-146.
- WARREN, Karen, and CHENEY, Jim. "Ecological Feminism and Ecosystem." *Ecology. Hypatia*, v. 6, n. 1, 1991. p. 67-89.

[Recebido em outubro de 2002 e
aceito para publicação em junho de 2003]

Gender, Environment and the Theory of Complexity

Abstract: We use the theory of complexity to analyse gender questions, showing that those are built by society in an exchange of interactions between nature and culture. The bioanthropological roots and the sociocultural characteristics contain different experiences, knowledge and wisdom, in a complex organization in which opposition does not mean extinction, and difference does not imply hierarchy. We can apply Morin's "tetralogical ring" concept, which admits disorder, organization, order and interaction to the understanding of the impasse between masculine and feminine, humans and non-humans, towards a paradigmatic change in the social and environmental relations.

Key words: gender, complexity, environment, education, human ecology.